

A HUNGRIA E O SUDESTE DA EUROPA

TAMÁS MAGYARICS

Autor: Professor Tamás Magyarics, o embaixador húngaro na Irlanda

Depois da Guerra Fria a única região que ameaçava a estabilidade e a segurança da Europa era o Sudeste do continente, os Bálcãs no sentido amplo. Esta foi praticamente a única região onde a desintegração dos estados artificialmente criados foi seguido por uma violência considerável – com exceção dos acontecimentos nas repúblicas caucasianas da antiga União Soviética. Os acontecimentos no território da antiga Jugoslávia guardavam uma importância especial para a Hungria. Os conflitos armados e não armados na vizinhança tinham uma influência nos principais interesses húngaros por causa da proximidade geográfica. Além disso, a situação da minoria húngara, que calculava-se em centos de milhares de pessoas, especialmente em Vojvodina, dava razão a uma seria e fundamentada preocupação em Budapest, onde a constituição húngara obriga ao governo a assumir responsabilidade pelos húngaros em diáspora nos estados vizinhos. Entretanto, a história dos eventos históricos que aconteceram nos primeiros anos depois do colapso dos estados multinacionais na Europa Central e no Leste Europeu não é o assunto apropriado desta apresentação, o que merece ser mencionado neste contexto é que o governo húngaro tem tomado consistentemente uma posição em contra os sérvios em vários conflitos. Deste modo, a Hungria forneceu armas pequenas a Croácia, e depois proporcionou rotas de trânsito e abriu seu território aéreo durante as operações da OTAN contra o regime Milosevic em 1999, e finalmente reconheceu a independência de Kosovo junto com a maioria dos estados membros da UE apesar dos protestos sérvios. A política externa húngara tinha que tomar essas medidas sem que a população húngara em Voivodina se tornasse “refém” de Belgrado. Até que seja possível determinar no momento, esse ato de equilíbrio foi exitoso, fato que serve de bom exemplo da prevalência do consenso político nas relações exteriores da Hungria.

Existem pelo menos três esferas nos quais as políticas da Hungria vis-à-vis o Sudeste da Europa manifestam-se. Primeiro, a integração euro-atlântica deve ser mencionada. Para a comunidade atlântica a criação de uma Europa unida, segura e estável é um interesse essencial. Nas palavras frequentemente usadas pela administração Clinton nos anos 1990: “*uma Europa inteira, segura e livre*”. Os Bálcãs ocidentais é uma das regiões que não têm conseguido integrar-se nesta nova Europa. Podemos encontrar estados nesta região que não são membros de nenhuma das principais organizações da integração euro-atlântica, alguns que são membros da OTAN ou se unirão provavelmente no futuro próximo, e outros que são membros tanto da OTAN que da União Européia. As expectativas da junção à OTAN ou à UE também são muito diversas para os estados não membros, por consequência, uma política diferenciada deve ser aplicada em direção aos estados em questão, os países da região não podem ser tratados da mesma maneira. Para a Hungria é um interesse de alta magnitude que os Bálcãs ocidentais se integrem na forma mais completa e rápida possível na comunidade euro-atlântica. Budapest, portanto, tem de proporcionar todo o seu apoio institucional e qualquer outro tipo de apoio aos países candidatos na região e tem de ajudá-los cumprirem com os critérios da adesão. A Hungria porém também tem um interesse especial no processo: a proteção das minorias em geral e principalmente em Sérvia deve ser considerada prioridade – o estabelecimento dos chamados Conselhos Étnicos/Nacionais recentemente é um passo adequado na direção certa.

A segunda esfera, naturalmente, é a Europa Central no sentido mais amplo. A Hungria, por causa da sua posição geopolítica, tem de ser aberta em todas as direções na região. Primeiramente, a cooperação de Visegrád foi estabelecida com uma orientação basicamente oriental, logo durante o governo Orbán (1998-2002) a chamada cooperação Pequeno Danúbio abriu novas portas ao Ocidente (Hungria, Áustria, Bavária e Baden-Württemberg) – especialmente nas áreas de cultura, educação e pesquisa. A Parceria Regional é uma tentativa para unir o V4 com Áustria e Eslovênia. O Conselho de Cooperação Regional (CCR) está especificamente direcionado aos Bálcãs ocidentais, igual à Iniciativa de Cooperação Sudeste Europeu (ICSE) em grande medida. A Iniciativa Central Europeu (ICE) igualmente enfoca-se no Leste Europeu, e a Hungria também tem interesse marginal na Cooperação Econômica de Mar Negro (CEMN).

Em resumo, a Hungria está situada no meio de um complexo e diverso entrelaçamento centro-europeu de cooperações políticas, econômicas e sociais. Esta posição chave será reforçada pela presidência da UE na primavera de 2011, quando um dos temas principais da presidência será a estratégia do Danúbio. Evidentemente, varias perguntas deveriam ser respondidas antes de poder falar sobre uma política do Danúbio mais ou menos coerente, assim por exemplo o dilema da navegabilidade contra qualidade de água deve ser resolvido.

Outro assunto chave da política regional – e também da presidência da UE da Hungria- é a segurança energética. Basicamente, o que está em questão é o alívio da dependência energética unilateral da região inteira. Um dos indicadores mais evidentes dessa dependência é o quase monopólio dos oleodutos com direção oeste-leste, uma cooperação norte-sul nesta área não somente diversificaria as fontes de energia (Noruega, Médio Oriente, Norte da África) mas também conectaria os Bálcãs ocidentais com a Europa Central. Outra área potencial da cooperação na segurança energética seria a construção de terminais GNL (Gás Natural Liquefeito) em Croácia e Polônia e os oleodutos complementários entre os dois países.

A terceira esfera é das relações bilaterais. O Sudeste da Europa é uma das áreas estratégicas da IDE (investimento Direto Estrangeiro) e do comércio estrangeiro húngaros, embora Budapest tenha de enfrentar uma competição sempre crescente –principalmente Austríaca. Todas as estratégias da política externa húngara consignaram o país a apoiar e aumentar as oportunidades e a presença comerciais no Sudeste da Europa – até com assistência governamental se for preciso. Embora certas medidas tenham sido tomadas nesse assunto, as potencialidades estão longe de serem aproveitados por completo.

A questão das minorias húngaras aparece nas relações bilaterais também. Os poderes políticos húngaros da corrente principal concordam em que o objetivo estratégico é facilitar as minorias húngaras permanecerem na sua terra natal, e ajudar eles preservarem suas identidades em todas as formas possíveis (institucional, educacional, etc.). Paradoxalmente, os líderes políticos sudeste-europeus têm demonstrado uma compreensão melhor enquanto à posição das minorias nos últimos anos. Depois da desintegração da Jugoslávia eram principalmente os sérvios que encontravam-se na posição de uma minoria étnica em alguns lugares. A grande maioria dos húngaros nos Bálcãs ocidentais vive sob controle sérvio, portanto as políticas mais brandas e permissivas do Belgrado com respeito a eles – parcialmente por considerações da política real, parcialmente por uma intenção de criar precedente – têm ajudado a melhorar a relação entre os dois estados. Além disso, a integração europeia requer, entre outros, a adoção de certas normas e padrões. A Hungria tem uma oportunidade para aumentar sua cooperação trans-fronteiriça (no momento na forma de renunciar dos requisitos rigorosos do visado) ou criar macrorregiões baseado no princípio da coesão territorial. Os estados no Sudeste da Europa tornaram-se mais abertos em direção a certas cooperações de áreas específicas tais como a proteção do ambiente, a educação, etc. O Acordo Quadro de Madrid (1980) aprova o apoio da cooperação trans-fronteiriça entre autoridades locais com o apoio de tratados bilaterais entre os países em questão. Deste modo, a Hungria estabeleceu um Comitê Trans-fronteiriça Misto Húngaro-Esloveno e semelhantemente um Foro de Coordenação Regional Trans-fronteiriça Húngaro-Croata. Não existe tal cooperação bilateral institucionalizada com Sérvia e Romênia, mas as organizações intergovernamentais atuam em relação aos dois países.

As tropas implantadas na Bósnia-Herzegovina e Kosovo que formam parte das forças de manutenção da paz, e um corpo de engenheiros húngaros que ajudou nas reconstruções no país demonstram de forma evidente os interesses de segurança da Hungria na região. Além disso, algumas organizações cívicas húngaras estão igualmente presentes no Sudeste da Europa, elas fornecem assistência à sociedade civil construindo instalações e ajudando a democratizar os processos políticos (P.e: através de monitorar as eleições em Albânia). Finalmente, os expertos húngaros também participaram na elaboração e planejamento da nova constituição federal da Bósnia-Herzegovina.

Tradução: Luca Karafiáth

*

<http://www.southeast-europe.org>
E-mail: dke@.southeast-europe.org

© DKE 2011.